

LINGUAGEM E SERTÃO EM JOÃO GUIMARÃES ROSA

[LANGUAGE AND BACKLANDS IN GUIMARÃES ROSA]

*Fernando Mendes Pessoa **

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

RESUMO: O texto faz uma interpretação da obra de João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, a fim de mostrar o propósito metafísico de sua linguagem, considerando tanto o mistério de sua criação, quanto o desígnio de proporcionar ao seu leitor uma experiência desse mistério, que o desperte para a descoberta de si mesmo com a repetição do processo da criação.

PALAVRAS-CHAVE: sertão; linguagem; vida; criação, mistério

ABSTRACT: The paper makes an interpretation of João Guimarães Rosa's work, *Grande sertão: veredas*, in order to show the metaphysical purpose of his language, considering both the mystery of its creation, and the purpose of providing its reader with an experience of this mystery, which awaken you to discover yourself with the repetition of the creation process.

KEYWORDS: Backland; language; life; creation; mystery

A LINGUAGEM EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo.

João Guimarães Rosa

Em sua obra *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa criou um romance literário que descreve uma realidade passada, a vida do jagunço Riobaldo, por meio de ficção poética¹. O narrador é o próprio personagem, que, na ociosidade do lar, sentado numa cadeira grandalhona da Carinhanha, conta a sua história para um ouvinte imaginário chamado de “senhor”. A narração é toda em primeira pessoa, com Riobaldo relembando os fatos ocorridos e refletindo quais foram as suas conseqüências, para, assim, mostrar como a urdidura de seu destino foi tramada. Após uma breve

* *Doutor em Filosofia e professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Participa da linha de pesquisa do CNPq “Pensamento e linguagem”, com estudos em Nietzsche e Heidegger, principalmente nos temas linguagem, arte, literatura e poesia. Publicou pela Edufes, em 2003, com reedição em 2020, o livro: O assunto e o caminho do pensamento de Heidegger; em 2017, pela Chiado Editora, o livro: Verdade, liberdade e destino no pensamento de M. Heidegger; e ganhou o prêmio de crítica literária da Fundação Cultural do Pará, em 2017, com o livro: Corpo e faca em João Cabral de Melo Neto. E-mail: pessoa_fm@gmail.com*

reflexão sobre as vicissitudes da vida, que acaba por concluir que “viver é muito perigoso”, Riobaldo começa a contar a sua história pelo meio, com ela já começada há muito. Depois de contar mais da metade do todo, ele retorna para o início e revela como aquilo tudo começou: “Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro. Depois o senhor verá por que, me devolvendo minha razão” (ROSA, 1994b, p. 69). Esse fato, que ocorreu quando ele tinha quatorze anos, foi o encontro com um menino e a travessia do rio São Francisco com ele de canoa, na qual se despertou para a necessidade de ser corajoso: *amanheci minha aurora*.

Como “viver é muito perigoso”, Riobaldo nesse dia compreendeu que “carece de ter coragem”². A questão da necessidade da coragem diante do perigo da vida é um dos temas mais importantes do livro.

Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder (ROSA, 1994b, p. 68).

A linguagem de *Grande sertão: veredas*, embora conte a história de Riobaldo, possui o fito de decifrar coisas importantes, compreender a vida em sua matéria vertente, entendendo o que promove os atos e dá corpo ao suceder. Esse propósito de falar de algo que está para além do que é dito constitui a característica metafísica dessa obra, conferindo o caráter misterioso do que é contado, o seu *dificultoso* e *muito entrançado*: “Esta vida está cheia de ocultos caminhos. Se o senhor souber, sabe; não sabendo, não me entenderá” (ROSA, 1994b, p. 102).

O caráter misterioso dessa linguagem funda-se no seu propósito de mostrar os ocultos caminhos da vida, tanto no sentido físico – por exemplo: o verdadeiro gênero de Diadorim, que Riobaldo, mesmo sabendo desde o início da estória, revelou somente no fim, após a sua morte: “Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor — e mercê peço! — mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube...” — quanto o oculto no sentido metafísico do próprio perigo da vida – a travessia de sua matéria vertente, o grande sertão e suas veredas: “Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção” (ROSA, 1994b, p. 69).

Guimarães Rosa fala de um sertão desconhecido, que ninguém ainda não sabe. Todavia esse não saber não provém de deficiência cognitiva ou carência de aprendizagem, mas porque a sua compreensão não ocorre por meio de entendimento lógico. Pelo próprio modo oculto do sertão, como não se tem acesso ao seu mistério pela via do conhecimento, ninguém ainda não sabe, *só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas*.

O grande sertão consiste no mistério do que se oculta, cuja tendência é ser esquecido, à medida que, quando o próprio ocultamento se vela, desaparece o seu mistério: tudo se torna habitual ou logicamente evidente. O esquecimento do mistério de quem ignora o oculto oblitera a dinâmica do processo de criação, a gã que empurra a gente a dar corpo ao suceder, e obstrui a sua experiência originária, promovendo, com o

velamento do que lhe é mais próprio, um encobrimento de si mesmo do homem. O ocultamento do oculto dissimula o mistério da vida, fomentando um homem esquecido de seu próprio ser, decaído na compreensão pública do senso comum. A dissimulação do mistério suscita a decadência do homem, o esquecimento do modo elementar e originário de se criar a si mesmo, a perda de sua cadência.

Como João Guimarães Rosa é um arauto desse mistério e sabe que ele só se revela na, pela e como linguagem, a sua escrita proclama o descobrimento do que se oculta, a fim de recordar ao leitor o mistério da vida. “Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal” (ROSA, 1994a, p. 48) – “Quero explicar melhor: o escritor, o bom escritor, é um arquiteto da alma” (p. 40). Por conhecer profundamente a linguagem, na amplitude de suas mais variadas línguas³, Guimarães Rosa escreveu *Grande sertão: veredas* com a intenção de proporcionar ao seu leitor uma experiência de seu mistério, que o desperte para a descoberta de si mesmo numa repetição do processo da criação.

Isto provém do que eu denomino a metafísica de minha linguagem, pois esta deve ser a língua da metafísica. [...] O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação (ROSA, 1994a, p. 48).

Grande sertão: veredas é um romance que compõe a ficção literária com o pensamento metafísico. Uma advertência se faz necessária: metafísico tem aqui o sentido da presença do que se oculta e que, assim, se revela como mistério. A presença do oculto manifesta o mistério latente em tudo que aparece, desvela o enigma velado em toda criação originária. Metafísica significa nesse contexto a compreensão da presença do oculto no que se revela, indica o modo de ser da vida como matéria vertente e o mistério de sua travessia, o grande sertão e as suas veredas. “E nisto, que conto ao senhor, se vê o sertão do mundo” (ROSA, 1994b, p. 220).

Como arquiteto da alma, João Guimarães Rosa construiu em *Grande sertão: veredas* um romance metafísico que, devolvendo à palavra o seu sentido original, envereda o leitor nos mistérios da vida, a fim de proporcionar-lhe uma experiência de compreensão de si mesmo, que ele caracterizou como “a travessia para a solidão”. “Pois o diabo pode ser vencido simplesmente, porque existe o homem, a travessia para a solidão, que equivale ao infinito”: “Apenas na solidão pode-se descobrir que o diabo não existe. E isto significa o infinito da felicidade. Esta é a minha mística” (ROSA, 1994a, p. 37).

Diferentemente do público, “Sertão é o sozinho, dentro da gente” (ROSA, 1994b, p. 199). Riobaldo quer mostrar o sertão com a sua linguagem, contar a estória do que ele compreende sem entender, para que o ouvinte-leitor também aprenda esse modo de compreensão – pois, “A gente só sabe bem aquilo que não entende” (p. 242). Por diversas vezes, o narrador adverte o leitor sobre a dificuldade de se entender o que ele conta e a consequente necessidade de ele, com a fineza de sua atenção, experimentar o não dito que se oculta no que foi contado, a fim de compartilhar a sua dimensão metafísica. “O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo” (ROSA, 1994b, p. 74) – pois: “Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor

saiba” (p. 149). Embora Riobaldo esteja contando a sua história, o principal da estória é falar do oculto da vida, do que permanece encoberto como mistério em seu acontecimento, repetindo a dinâmica de sua criação.

“Para que conto isto ao senhor? Vou longe. Se o senhor já viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer ideia” (ROSA, 1994b, p. 138). *Grande sertão: veredas* propõe contar coisas que não cabem em fazer ideia, o que se recusa ser entendido logicamente como uma realidade já dada, pronta e realizada. O sertão do *Grande sertão* não é apenas uma região geográfica do interior do nordeste brasileiro, mas possui um sentido metafísico universal do real como transcendência. Não como passagem a um divino sobrenatural, religioso, mas como travessia, atravessamento pelo que se efetua, experiência da permanente ultrapassagem da realidade, sua matéria vertente, sempre oculta no que aparece: “o sertão é grande ocultado demais” (p. 321), “Mas o sertão está movimentante todo-tempo — salvo que o senhor não vê” (p. 328).

O SERTÃO DO GRANDE SERTÃO

E, quanto mais leio e vivo e medito, mais perplexo a vida, a leitura e a meditação me põem. Tudo é mistério. A vida é só mistério. Tudo é e não é. Ou: às vezes é, às vezes não é. (Todos os meus livros só dizem isso)⁴.

João Guimarães Rosa

Na entrevista que concedeu a Günter Lorenz, João Guimarães Rosa disse que, de tanto ouvir as estórias dos velhos, seus contos e lendas, ele recebeu o dom da fabulação já no berço, e desde criança começou a transformar o ambiente que o rodeava em lenda, escrevendo estórias que transfiguravam a realidade em ficção (ROSA, 1994a, p. 33). Em *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa transformou o sertão brasileiro em um lugar simultaneamente físico e metafísico, geográfico e universal, histórico e infinito. Ao mesmo tempo que sertão se refere ao lugar físico do interior do Brasil – “O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga” (ROSA, 1994b, p. 312) –, ele também possui um sentido metafísico: “O sertão está em toda a parte” (p. 11), “O sertão é do tamanho do mundo” (p. 52), “O sertão é sem lugar” (p. 227), “Sertão! é dentro da gente” (p. 199).

O sertão físico, geográfico e histórico é formado pelas regiões do interior do Brasil banhadas pelo rio São Francisco, do norte de Minas Gerais até Pernambuco, englobando o gerais, o chapadão e a caatinga. A estória narra as andanças de Riobaldo por esse sertão, sempre relatando as características de seus lugares. Guimarães Rosa descreveu com minuciosos detalhes diferentes paisagens dessa região, apresentando tanto as suas características geológicas e climáticas quanto a sua gente, fauna e flora. Seja a exuberância do Chapadão do Urucúia – “aonde tanto boi berra...” –, seja a aridez do Liso do Sussuarão – “que não concedia passagem a gente viva, o raso pior havente, um escampo dos infernos” –, ou os catrumanos do Sucruíu, “daquele transformado

povo” –, diversos lugares, animais e pessoas dessa região sertaneja são apresentados nos seus pormenores.

O sertão metafísico, universal e infinito é indicado no não dito que se oculta no que é contado, permanecendo latente como a força misteriosa que promove o que vigora com ânimo, potência, coragem – com a gã que empurra a gente a dar corpo ao suceder. Por essa característica metafísica de mistério, assim como Heráclito caracterizou a profecia de Apolo no oráculo de Delfos, que “nem diz nem oculta, mas dá sinais”⁵, “O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente...” (ROSA, 1994b, p. 331).

Por ser mistério, *o sertão não chama ninguém às claras*, permanece oculto, latente no que se manifesta, apenas dá sinais, acena. A compreensão do mistério só ocorre com a sua experiência, quando de repente se estremece debaixo da gente. Pela própria natureza de se ocultar, o sertão sempre se recusa à evidência, sendo a experiência sua única via de acesso. Como “O sertão não tem janelas nem portas” (ROSA, 1994b, p. 315), só se pode nele entrar com um salto, no qual, de repente, já se está dentro. “Sertão — se diz —, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem” (p. 244).

O sertão está em toda parte, porque ele não é parte alguma, não está localizado numa região, não é um algo, uma coisa, algum lugar. O sertão é sem lugar, porque ele é o sozinho dentro da gente, está no próprio si mesmo de cada homem, constituindo o seu modo originário de ser. O sertão habita na linguagem, ele é a sua poesia original, o seu pensamento elementar. Por essa relação do sertão com a linguagem, Guimarães Rosa, em seu diálogo com Günter Lorenz, afirmou:

Goethe nasceu no sertão, assim como Dostoievski, Tolstoi, Flaubert, Balzac; ele era, como os outros que eu admiro, um moralista, um homem que vivia com a língua e pensava no infinito. Acho que Goethe foi, em resumo, o único grande poeta da literatura mundial que não escrevia para o dia, mas para o infinito. Era um sertanejo (ROSA, 1994a, p. 49).

Goethe nasceu no sertão, era um sertanejo, não na perspectiva física, geográfica e histórica da realidade, mas na metafísica, universal e infinita da linguagem. “Portanto, torno a repetir: não do ponto de vista filológico e sim do metafísico, no sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoievski e Flaubert” (ROSA, 1994a, p. 50).

Goethe era sertanejo, porque escreveu para o infinito. Diferentemente do que se esgota na informação fatural dos personagens e dos acontecimentos, o que é escrito para o infinito resguarda a poesia da linguagem, a experiência do sentido original das palavras, na qual se percebe a imensidão da língua e a riqueza de seu idioma.

O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas. Daí resulta que tenha de limpá-lo, e como é a expressão da vida, sou eu o responsável por ele, pelo que devo constantemente *umsorgen*. Soa a Heidegger, não? (ROSA, 1994a, p. 47).

Heidegger, em sua obra *Ser e tempo (Sein und Zeit)*, pensou a unidade existencial da totalidade do que somos como *Sorge*, termo alemão que, traduzido na edição brasileira por “cura”, indica o cuidado com ser si mesmo, que mantém apropriado o sentido do falar e do agir⁶. Como “A substância do homem é a existência”⁷, ele precisa permanentemente realizar o seu próprio ser, jogado na

possibilidade conjuntural de seu acontecimento. Devido a essa substância existencial, o homem nunca se encontra pronto, mas permanece aberto ao seu poder ser, tendo que, assim, sempre cuidar de vir a ser o seu próprio ser – *sou eu oresponsável por ele, pelo que devo constantemente* umsoerger.

O cuidado com o idioma, a responsabilidade com as palavras, consiste na força do pensamento, e: “Sertão. Sabe o senhor! sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...” (ROSA, 1994b, p. 22). O perigo da vida é o seu poder ser, que sempre abre de novo a necessidade de ter que ser. Essa é a dor da existência, a liberdade ou a miséria do homem. Por sempre ter que ser o seu próprio poder ser, o homem pode se esforçar para consumir a sua ação, plenificando-se a si mesmo no que faz, ou desistir desse esforço, descuidando-se da tarefa de ser por si mesmo o seu poder ser. Com o esquecimento da cura que unifica a sua totalidade, o homem se dispensa de pensar, desresponsabiliza-se de ser o seu próprio poder ser e se aliena de si mesmo, ficando à mercê do que é público.

Como arquiteto da alma, Guimarães Rosa quer provocar em seu leitor uma experiência que lhe desperte o mistério da vida, abrir os seus olhos para a necessidade de cuidar do seu oculto poder ser. “Viver — não é? — é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo” (ROSA, 1994b, p. 371). Como arquiteto da alma, ele quer ensinar o aprender-a-viver, pois: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” (p. 199).

Em sua obra *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa fala do sertão que ele não sabe, *ninguém ainda não sabe*. Ninguém sabe o que é o sertão, porque, por ele não caber em fazer ideia, a sua compreensão não se fixa em um entendimento, como um saber que possa ser apreendido pela razão. “Existem elementos da língua que não são captados pela razão; para eles são necessárias outras antenas” (ROSA, 1994a, p. 55). Pelo próprio modo oculto do sertão, como não se tem acesso ao seu mistério pela via do conhecimento, ninguém ainda não sabe, *só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas*. Embora o sertão se oculte, ele acena e dá sinais em suas veredas, aonde o sertão se mostra sem vir às claras e, assim, se revela mantendo velado o seu mistério. Esse mistério que se mantém oculto em tudo que aparece é a maior grandeza do sertão, o grande sertão. “O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível” (p. 94).

A GRANDEZA DO GRANDE SERTÃO

Para o espanto do leitor, o livro chamado grande sertão começa com a frase de uma única palavra, “Nonada.”, que significa uma bagatela insignificante e sem valor. Como pode algo que é grande ter início com uma ninharia? Isso não é paradoxal? Guimarães Rosa responderia: “E não apenas isto, mas tudo: a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras” (ROSA, 1994a, p. 32).

Confirmando a sua intenção de dizer o indizível, o começo de *Grande sertão: veredas* é nonada. Além do sentido semântico de bagatela, nonada também indica foneticamente: “em o nada”, o que remete ao estar no princípio inaugural, no nada da possibilidade de criação. Antes de ser uma negação, o nada é a condição da criação do

que, antes, não era. A criação é a transformação do nada em ser, na qual o que ainda não era aparece, passa a ser. Assim, nonada sugere algo cuja origem é muito simples, elementar e primária: a criação, o grande sertão.

A grandeza do grande sertão também precisa ser pensada em suas dimensões físicas e metafísicas. O sertão é grande por ser extenso geograficamente, as suas terras se estendem pelo interior afora, em planaltos, chapadas e serras. “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador” (ROSA, 1994b, p. 11).

A grandeza física do sertão é a sua vasta extensão de terras. Essa sua medida possui a dimensão aritmética, *arithmós*, sendo um grande que pode ser reduzido a números e mensurado geometricamente, ser maior ou menor.

Mas, nesse dia mesmo, em nossos cavalos tão bons, dobramos nove léguas. As nove. Com mais dez, até à Lagoa do Amargoso. E sete, para chegar numa cachoeira no Gorutuba. E dez, arranchando entre Quem-Quem e Solidão; e muitas idas marchas: sertão sempre (ROSA, 1994b, p. 184).

Em quatro dias de cavalgada, andando a cada dia extensões diferentes que podem ser comparadas, sendo umas maiores e outras menores, eles percorreram a distância de trinta e seis léguas, o que pode ser aferido com uma mensuração aritmética. Ou em uma medida geométrica, como, por exemplo, Riobaldo descreve o tamanho do Liso do Sussuarão: “em fundo e largo, as cinquenta léguas e as quase trinta léguas, das mais” (ROSA, 1994b, p. 321). Com cinquenta léguas de profundidade e trinta de largura, a área geométrica do Liso do Sussuarão é de mil e quinhentas léguas quadradas. A grandeza física do grande sertão consiste na vasta extensão geográfica de suas terras, passível de ser mensurada e comparada pela aritmética e pela geometria.

Distinto dessa grandeza física, que pode ser medida, calculada e comparada, o adjetivo grande, no título *Grande sertão: veredas*, também possui uma conotação metafísica, indica intensidade da linguagem, seu vigor e grandeza. *No sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoiévski e Flaubert*. Como reduzi-los a um denominador comum? Como compará-los? Quem é maior e quem é menor entre eles: o escritor alemão, o russo ou o francês? O grande aqui possui o sentido de magnífico, *meças*, que não pode ser reduzido aos números da aritmética, nem aos cálculos da geometria, que não é maior e nem menor. A grandeza do magnífico é o espanto⁸ com o seu mistério, que, embora não possa ser esclarecido, ocultamente promove a magnificência do que é grande. O magnífico só é percebido no espanto com o extraordinário, *quando de repente o sertão se estremece, debaixo da gente*.

A grandeza do grande sertão é tanto física, a ampla extensão de terras, quanto metafísica, o espantoso mistério do que é magnífico. O grande de *Grande sertão: veredas* é nonada, a magnificência do pouco, simples e singelo, a grandeza do que é elementar e essencial. Esse grande nonada constitui o modo de ser do jagunço sertanejo, o mistério da força e do poder do *grande* Riobaldo.

E eu sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou a coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... De nada... (ROSA, 1994b, p. 225).

O JAGUNÇO SERTANEJO

Eu Riobaldo, jagunço, homem de matar e morrer com a minha valentia. Riobaldo, homem, eu, sem pai, sem mãe, sem apego nenhum, sem pertencências.

João Guimarães Rosa

Para apresentar como João Guimarães Rosa concebeu o jagunço sertanejo, o seu melhor exemplo é o próprio Riobaldo, que desde seu ingresso na jagunçagem sempre foi respeitado por sua boa pontaria, o que lhe rendeu os apelidos de “Cerzidor”; depois, de “Tatarana”, a lagarta-de-fogo; e, mais tarde, ao tornar-se chefe dos jagunços, de “Urutu-Branco”, a cobra venenosa. Por ter passado grande parte de sua vida como jagunço, chegando a tornar-se líder do bando, Riobaldo é o melhor exemplo para se compreender a concepção de jagunço em *Grande sertão: veredas*: “Riobaldo é o sertão feito homem” (ROSA, 1994a, p. 59).

“E o Urutu-Branco? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi — que era um pobre menino do destino...” (ROSA, 1994b, p. 17). Riobaldo desperta para o seu destino ainda menino, aos quatorze anos, quando foi com a mãe no porto do Rio-de-Janeiro. A mãe prometeu que, ele se curando da doença que tinha, iria pedir esmola para, com a metade do arrecadado, rezar uma missa e, com a outra, colocar numa cabaça bem fechada e jogar no rio São Francisco para que chegasse ao Santuário de Bom-Jesus da Lapa. Riobaldo estava cumprindo essa promessa da mãe, quando, de repente, viu um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Envergonhado de estar esmolando, escondeu a sacola e foi conversar com ele. Com recíproca simpatia, logo ficaram amigos e foram passear de canoa pelo rio de-Janeiro, que era estreito e tranquilo. Ficaram admirando a paisagem do rio, os bichos cágados nas pedras, o mato, as flores e os pássaros — nhambús, papagaios, araçaris, bandos de periquitos —, até que chegaram no São Francisco. “Medo maior que se tem, é de vir canoando num ribeirãozinho, e dar, sem espera, no corpo dum rio grande” (ROSA, 1994b, p. 71).

Porque não sabia nadar, Riobaldo, sentado na canoa como pinto em ovo, demonstrou o seu medo de atravessar o São Francisco, ainda mais quando soube que a canoa era feita de proba, madeira que, se virar, não boia: *Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo!* Medo e vergonha de, por estar esmolando e com medo, ser menos, inferior ao menino e ao canoeiro. Mas ao perceber o menino tripudiando, teve brio e encarou olho no olho. Foi quando ouviu do menino: “‘Você também é animoso...’ — me disse. Amanheci minha aurora. Mas a vergonha que eu sentia agora era de outra qualidade” (ROSA, 1994b, p. 73).

Esse foi o acontecimento inaugural, *primeiro*, o amanhecer do destino de Riobaldo, no qual ele se ganha a si mesmo, assumindo o seu próprio ser. Por isso a sua vergonha agora era de outra qualidade. Ele não se envergonhava mais de ser pouco ou inferior, mas por ter se envergonhado de ser como ele é, a vergonha por ter sentido vergonha de si mesmo⁹. A aurora de Riobaldo foi o seu despertar para a coragem de poder ser o próprio ser, presente divino que ganhou de Diadorim — Deodorina, *doréomai*.

E eu não tinha medo mais. Eu? O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda — por isto foi que a estória eu lhe contei —: eu não sentia nada. Só uma

transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome (ROSA, 1994b, p. 74).

Ao baldear o rio São Francisco, Riobaldo experimenta uma transformação de si mesmo que será decisiva para a sua vida. Foi nessa travessia que, ocultamente, ele e o menino ganharam o destino de matar o Hermógenes, o pactário traidor que assassinou o magno chefe Joca Ramiro – *grande homem príncipe!, rei da natureza, era um imperador em três alturas!*¹⁰. Riobaldo, anos depois de atravessar o rio com o menino, o reencontrou numa casa em que se hospedava. Agora o Reinaldo era jagunço, estava no bando de Titão Passos, para o qual Riobaldo também entra. “O senhor pense outra vez, repense o bem pensado! para que foi que eu tive de atravessar o rio, defronte com o Menino?” (ROSA, 1994b, p. 75).

Diadorim, o Reinaldo, me lembrei dele como menino, com a roupinha nova e o chapéu novo de couro, guiando meu ânimo para se aventurar a travessia do Rio do Chico, na canoa afundadeira. Esse menino, e eu, é que éramos destinados para dar cabo do Filho do Demo, do Pactário! (ROSA, 1994b, p. 261).

“A modo que o resumo da minha vida, em desde menino, era para dar cabo definitivo do Hermógenes” (ROSA, 1994b, p. 364). Riobaldo e Reinaldo se encontraram meninos e, sem saber, oculto e misteriosamente, selaram o acordo que destinou as suas vidas a matar o Hermógenes e acabar com o seu bando. Como epílogo tanto desse acordo quanto da estória, a morte de Hermógenes consuma esse destino e acaba com a narrativa.

Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.
Aqui a estória se acabou.
Aqui, a estória acabada.
Aqui a estória acaba (ROSA, 1994b, p. 380).

Ao amanhecer a sua aurora na travessia do São Francisco, Riobaldo descobriu que, como viver é muito perigoso, ele carece de ter coragem, muita coragem, e se transformou. Essa transformação promoveu a virtude e a força, o ânimo e o alento de ser o seu próprio poder ser, tornando-se cada vez mais si mesmo, cada vez mais corajoso. “O que eu tinha, por mim — só a invenção de coragem. Alguma coisice por principiar” (ROSA, 1994b, p. 262). A coragem é a condição fundamental para ser jagunço e, como Riobaldo foi um magnífico jagunço, depois que se despertou para a necessidade de ter coragem, ele se empenhou para tornar-se muito corajoso. Vacilante no início, “Confesso. Eu cá não madruguei em ser corajoso; isto é! coragem em mim era variável” (p. 35), Riobaldo, pela própria necessidade de matar o pactário para cumprir o seu destino, foi se tornando cada vez mais corajoso: “Eu queria era a coragem maior” (p. 373).

A coragem maior ele ganhou ao ir encontrar o diabo, à meia-noite numa encruzilhada, para selar o pacto, trocando a sua alma por conhecimento e poder, êxito e ventura¹¹. Diante desse desafio de obter a maior coragem, Riobaldo começa a assuntar:

“Lacrau, era capaz de fechar desse pacto?” — eu indaguei. — “Ah, não, mano, quero lá não navegar por detrás das coisas... Coragem minha é para se remedir contra homem levado feito eu, não é para marcar a meia-noite nessas encruzilhadas, enfrentar a Figura...” Calado, considere comigo (ROSA, 1994b, p. 261).

A grande provação para Riobaldo, aquela que lhe exigiu a coragem maior, foi fazer o pacto com o diabo. Todos supunham que a dificuldade de pegar o Hermógenes era devido ao fato de ele ter feito esse pacto e vendido a sua alma em troca de poder¹². Com o propósito de matar esse traidor, Riobaldo decidiu também vender a sua alma e ficar em pé de igualdade com o inimigo. Foi para a encruzilhada das Veredas-Mortas e, à meia-noite, evocou: “Lúcifer! Satanás!” mas nada apareceu, nem porca com ninhada de pintos, nem galinha puxando barrigada de leitões e nem o diabo. Esperou a noite toda, *aquilo foi um buracão de tempo*. Ao amanhecer, sem saber se fez ou não o pacto, retornou ao acampamento completamente transformado; dias depois, tornou-se o chefe do bando, o Urutu-Branco. — *O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?!* Essa dúvida atravessa toda a estória para culminar em seu fim com a compreensão de que não houve pacto nenhum, porque não há diabo, ele não possui realidade própria, o que existe é homem humano, no qual o diabo pode vigorar. “Explico ao senhor! o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum!” (ROSA, 1994b, p. 13).

Ao ir à meia-noite na encruzilhada das Veredas-Mortas, embora Riobaldo não tenha firmado um pacto com o diabo, ele conquistou a coragem maior, a completa autoconfiança em si mesmo, e tornou-se chefe do bando. Diante de sua transformação, o destituído chefe Zê-Bebelo ratifica essa mudança e rebatiza o nome de Tatarana: “— Mas, você é o outro homem, você revira o sertão... Tu é terrível, que nem um urutu-branco...” (ROSA, 1994b, p. 279). Foi a coragem maior que forjou esse poder de Riobaldo, agora ele estava pronto para ser o chefe dos jagunços e matar o Hermógenes.

O seu primeiro plano foi ir para o norte, a fim de retornar ao Chapadão do Urucúia e beber a água de seu rio. Mas no meio do caminho desistiu e seguiu direto para o norte, andando a esmo, sem ainda saber para onde ir, até que, de repente, ao se dar conta do lugar que estavam, descobriu o seu projeto: traspasar o Liso do Sussuarão e capturar a mulher do Hermógenes, cujas terras são do outro lado do raso. O mesmo plano concebido por Diadorim, que outrora Medeiro Vaz, o Rei do Gerais, tentou sem êxito executar. Embora tenha se precavido com todos os recursos possíveis, reunindo fartura de comida e bebida em burros cargueiros, aguardando o tempo propício e até consultando uma filha de ciganos que adivinhava a sorte das pessoas, Medeiro Vaz não conseguiu atravessar o Liso do Sussuarão, aquele *escampo dos infernos*, e teve que voltar no segundo dia da travessia, com os seus homens completamente arruinados.

Já Riobaldo vinha a esmo com o seu bando, quando, percebendo que estava nas proximidades do liso, de repente e sem querer, descobriu que iria atravessá-lo. Pernoitaram por ali e, no dia seguinte, ele reuniu os seus homens e anunciou o seu projeto de atravessar o Liso do Sussuarão, *que não concedia passagem a gente viva*, sem estoque de mantimentos, nem água, nem nada — nonada.

Porque, o que eu estava mandando, nem Medeiro Vaz mesmo não teria sido capaz de crer: eu queria tudo, sem nada! Aprofundar naquele raso perverso — o chão

esturricado, solidão, chão aventêsma — mas sem preparativos nenhuns, nem cargueiros repletos de bom mantimento, nem bois tangidos para carneação, nem bogós de couro-cru derramando de cheios, nem tropa de jegues para carregar água. Para que eu carecia de tantos embarços? [...] Eu não era o do certo: eu era o da sina! (JGR, 1994b, p. 322).

Riobaldo era o da sina, porque tem a coragem de se doar à sua possibilidade de ser e descobrir, na conjuntura do acontecimento, o seu próprio ser; ele tem a coragem de obedecer-se a si mesmo. Ao contrário do certo, que quer a segurança e a garantia de tudo o que ocorre, o que é da sina se entrega à sua sorte, confiando na dádiva e na fortuna do destino. Ao contrário de Medeiro Vaz, que com toda segurança e garantia fracassou, a travessia de Riobaldo, sem nada, foi um sucesso. Durante nove dias, eles encontram água e comida à vontade, para os homens e para os animais, o céu nublou refrescando o calor do sol e todos atravessaram bem, sem haver nenhuma doença ou morte — o liso se abriu dadivoso para Riobaldo passar. “O que era — que o raso não era tão terrível? Ou foi por graças que achamos todo o carecido, não obstante no ir em rumos incertos, sem mesmo se percurar? De melhor em bom, sem os maiores notáveis sofrimentos, sem em-errar ponto” (ROSA, 1994b, p. 323).

Riobaldo, ao se entregar à sorte do destino, este o acolhe e o presenteia, conspira a seu favor, confirmando a propriedade da decisão com a graça de seu sucesso. Sem se depararem com problemas, atravessaram o liso e capturaram a mulher do Hermógenes do outro lado. “Assim achado, tudo, e o mais, sem sobranço nem desgosto, eu apalpei os cheios. O respeito que tinham por mim ia crescendo no bom entendido dos meus homens. Os jagunços meus, os riobaldos, raça de Urutu-Branco. Além!” (ROSA, 1994b, p. 324).

Riobaldo renega ter certeza do que vai suceder, porque ele, por ter grande coragem, confia em si mesmo, se entrega inteiro ao cômputo do instante, à encruzilhada entre o sido e o será, e decide de acordo com a descoberta do sentido que se abre na conjuntura. “Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade. O demônio na rua... Viver é muito perigoso; e não é não. Nem sei explicar estas coisas” (ROSA, 1994b, p. 200). Viver é e não é muito perigoso, conforme o modo como a pessoa vive, independentemente do que ela faça. O perigo de qualquer ação humana está em seu poder ser, no fato de que, por ela não se encontrar pronta, já realizada, é preciso efetua-la, executar essa ação.

Todo agir humano está perante a possibilidade de êxito ou de fracasso, de ser ou de não ser. Diante dessa condição, cada pessoa pode ser do certo ou da sina, de acordo com o modo como efetua a sua ação: com o medo de quem demanda a garantia prévia da certeza para saber o que fazer ou com a coragem de quem, confiando na sorte de sua sina, se doa inteiramente à descoberta do que se mostra como sentido, decidindo o que fazer no cômputo da conjuntura. Ambos os modos enfrentam o risco de sucesso ou de fracasso em suas ações, mas viver é muito mais perigoso para o que provém do medo do que para o que se funda na coragem. O medo ou a coragem são duas possibilidades de o homem lidar com o seu poder ser, com a sua vida — a do certo e a da sina. Riobaldo não era do certo, mas da sina, porque ele era jagunço e vivia jogado no sertão. “Jagunço é o sertão” (ROSA, 1994b, p. 200) e o sertão é o mistério — *nem sei explicar estas coisas*.

A dificuldade de explicar estas coisas se deve ao modo do não saber, próprio do

que é oculto, pois não se compreende o mistério com explicações e entendimentos, mas com a sua experiência, no estar desperto de quem, com coragem, decide obedecendo a si mesmo. Só pode haver compreensão do mistério através de sua travessia. Não ser do certo, mas da sina, é o saber do não saber que constitui o modo de ser jogado do jagunço, essa é a sua maior sabedoria, aquela que o capacita a ser jagunço.

— *O que é que tu acha do que acha, Alaripe?* Ele não me conheceu! principiou a definir do Paredão, do Cererê-Velho, do Hermógenes. Atalhei! — que não isso; que da vida, vagada em si, no resumo? — *A pois, isto... Homem, sei? Como que já vivi tanto, grossamente, que degastei a capacidade de querer me entender em coisa nenhuma...* Ele disse, disse bem. Mas eu entiquei! — *Não podendo entender a razão da vida, é só assim que se pode ser vero bom jagunço...* Alaripe esbarrou, como ia quebrar em duas uma palma seca de buritirana. Me olhou, me falou: — *Se só de entender, cá comigo, eu entendo. Entendo as coisas e as pessoas...* (ROSA, 1994b, p. 362).

A sabedoria do jagunço consiste nesse entendimento íntimo, cá comigo, das coisas e das pessoas. Somente com a coragem de, sem entender a razão da vida, ser da sina, e não do certo, pode ser vero bom jagunço. A coragem, o não saber e o ser da sina são os fundamentos que compõem o modo de ser do jagunço de *Grande sertão: veredas*. Nonada: travessia.

GRANDE SERTÃO, NONADA E TRAVESSIA

Sou um homem ignorante. Mas, me diga o senhor! a vida não é cousa terrível?

João Guimarães Rosa

“Rasgamos sertão. Só o real” (ROSA, 1994b, p. 322). O real-sertão é grande de modo físico, por sua imensa extensão territorial, e metafísico, no sentido de que está para além do visível, oculto no mistério do que falta nome, do que é magnífico. *Grande sertão: veredas* começa com “– Nonada.” e termina com “Travessia.”, indicando que a vida do grande sertanejo, porque se funda no nada, é sempre travessia, perpassamento, experiência – *empeiría, erfahren*. “Digo! o real não está na saída nem na chegada! ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1994b, p. 46). O real é o sertão que perfaz o modo de ser do sertanejo de *Grande sertão: veredas*, ele é o oculto que se dispõe no meio da travessia àquele que, estando perpassado por seu perfazimento, experimenta o que é perfeito¹³, compreendendo o seu mistério.

O grande sertão é o nonada, *o nada coisinha mesma nenhuma de nada*, magnífico. Sua grandeza vem do pouco que precisa para ser, o elementar que lhe demanda cuidar de si mesmo – cura, *besorgen*. Esse cuidado elementar consigo mesmo estrutura a força de caráter, sua tenacidade e resiliência, fomenta a confiança em si, em sua capacidade de discernimento e de decisão, incita a coragem de querer ser cada vez mais o seu próprio poder ser, num processo de autossuperação e crescimento, de intensificação de si mesmo. A estória de Riobaldo é um exemplo desse nonada elementar do sertão: a sua transformação em Tatarana e, depois, em Urutu-Branco

mostra essa autossuperação de quem quer ser plenamente o seu próprio poder ser, de quem tem o cuidado de ser si mesmo, cultivando o que vai vir no que já foi. Como *tudo que já foi é o princípio do que vai vir*, o que virá é sempre um desdobramento do sido, isto é, o que foi encaminha e delinea o que será.

O grande sertão é a travessia, o ultrapassamento do que foi ao que será que, perfazendo um sentido de ser, destina a história. A travessia é o fazer do tempo, a temporalização que promove o que cada um é, tarefa de autoconstituição de si mesmo, de ser o seu próprio poder ser, jogado na autossuperação do que já foi no que vai vir, que intensifica, faz crescer e ficar grande. Ultrapassagem, atravessamento ou perpassamento, transformação, superação, história e destino. Grande sertão é nonada, por isso, travessia.

O nada é o fundamento da travessia, ele é o possível que precisa ser, sempre outra vez, realizado, concretizado. Por sua própria essência, como nunca se encontra pronto e já determinado, o homem está sempre diante da possibilidade de seu poder ser, no nada, tendo a tarefa de permanentemente vir a ser o seu próprio ser. O nada dessa constante possibilidade é o seu horizonte de realização, a abertura na qual ele está jogado, que precisa sempre ser efetuada. Essa dinâmica de permanecer no cômputo entre o que já foi e o que vai vir perfaz o modo de ser do tempo, a sua temporalização como história. O vir a ser do tempo, a constante ultrapassagem da temporalização, constitui a vida como travessia – nonada, então travessia. Viver é muito perigoso, porque, fundada no nada de sua possibilidade, a vida é sempre travessia – ultrapassar o que já foi, perpassar o cômputo do acontecimento e destinar o que vai vir, essa é a tarefa imposta ao homem, a sua dor.

Para cumprir essa tarefa de travessia, o sertanejo de *Grande sertão: veredas*, cujo melhor exemplo é o Riobaldo, se funda na coragem, no não saber e no ser da sina.

A *coragem* consiste em não temer o poder ser, que permite ao jagunço se entregar inteiro à travessia de sua conjuntura e, ao contrário de querer dominá-la com planejamentos arbitrários, alguma subjetividade da consciência, descobrir o que vai ser no instante do acontecimento, integrado na unidade com o que já foi.

O poder ser do nada é a dor do homem, a sua liberdade ou a sua miséria. A liberdade se dá com a assunção da possibilidade de ser que, admitindo a responsabilidade de si mesmo e o cuidado da destinação de sua própria história, faz de seu já foi um assim eu o quis, quero e hei de querê-lo. A liberdade é a magnificência do nonada, de quem, assumindo a tarefa de vir a ser o seu próprio ser, está satisfeito com a sua história e quer ser, cada vez mais, o seu si mesmo, cuidando do encaminhamento de seu destino com esforço e alegria.

Mas liberdade — aposto — ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina! o beco para a liberdade se fazer. Sou um homem ignorante. Mas, me diga o senhor! a vida não é cousa terrível? (ROSA, 1994b, p. 197).

Diferentemente do infinito aberto de poder ser tudo, que acaba não sendo coisa nenhuma, a liberdade é o caminhozinho de quem, feliz com o limite de sua realização, quer o que pode e pode o que quer, numa autossatisfação com o seu próprio ser, que não cobiça nada além de si mesmo. Em vez de ser um fragmento, um enigma e um horrendo acaso, que é sempre levado no rumo que o vento assopra, livre é o homem que, com cuidado e decisão, junta e compõe o seu destino no anelo de seu sentido, querendo vir a ser, cada vez mais mais intensamente, o caminhozinho aberto pelo seu próprio já sido.

Todo “Foi assim” é um fragmento, um enigma, um horrendo acaso — até que a vontade criadora diga a seu propósito: “Mas assim eu o quis!”.

— Até que a vontade criadora diga a seu propósito: “Mas assim eu o quis! Assim hei de querê-lo!” (NIETZSCHE, 1986, p. 152).

A vontade criadora consiste na liberdade de assumir-se a si mesmo que faz de todo foi assim um assim eu o quis, quero e hei de querê-lo, unificando o que já foi com o que será, no sentido do seu próprio ser, da destinação de sua história. Mas a vida é coisa terrível, porque ela também pode, com descuido e indecisão, se fragmentar, tornando-se um enigma e um cruel acaso. *Viver é muito perigoso: carece de ter coragem*. A falta de coragem diante do perigo de seu poder ser, o medo de seu permanente cômputo, faz o homem desistir do esforço de vir a ser a sua vida por si e para si mesmo, deixando vigorar o que é por outro e para outro¹⁴. A vida é terrível, porque ela nunca fica pronta e determinada no que foi, mas sempre se abre à possibilidade do que vai ser. Esse é o seu perigo, a sua dor; a liberdade de, com a coragem de assumir a tarefa do poder ser, cuidar e decidir o destino de sua história, ou a miséria de, com o medo de ter que ser, por si mesmo, o seu poder ser, descuidar e renunciar dessa tarefa, outorgando a decisão de suas realizações ao domínio do público. Sendo constantemente a partir dos outros, o homem aliena-se do sentido de seu próprio ser e se esquece de viver por si mesmo a sua vida.

O não saber, que também caracteriza este sertanejo, deriva de sua coragem. Esse não saber é a inocência de aprender o que a coisa é na conjuntura de seu aparecimento. De modo diferente do logicamente já conhecido, que dispensa o homem de pensar, o não saber o impõe, ele é a condição de possibilidade do pensamento, o seu horizonte fundamental. O homem só pensa quando não sabe. “Pensar é a maior coragem, e a sabedoria, acolher a verdade e fazer com que se ausculte ao longo do vigor”¹⁵. Mas devido ao seu medo de ser por si mesmo ao longo do vigor, do receio de ter que decidir o que vai ser diante da possibilidade do nada, ele constantemente troca o pensar pelo saber, substituindo o pensamento oriundo da travessia do real pela segurança da realidade já sabida logicamente por algum entendimento. “Um gênio é um homem que não sabe pensar com lógica, mas apenas com a prudência. A lógica é a prudência convertida em ciência; por isso não serve para nada” (ROSA, 1994a, p. 57). O saber lógico-científico surge da ambição do homem de querer a segurança da dominação incondicional de tudo, e tornar-se o senhor da natureza, o dono do universo. Esse saber se engendra do medo e da covardia do homem, que busca garantir o seu poder ser por um outro, que não possui confiança, o conhecimento de si, para deixar o seu pensamento discernir o que aparece na conjuntura e decidir por si mesmo o que e como fazer.

A coragem de não saber promove a prudência do aprender pensando, que aprende a aprender na experiência de conhecer-se a si mesmo, “Pois é dado a todos os

homens conhecer-se a si mesmos e pensar”¹⁶. Conhecer-se a si mesmo consiste no cuidado de auscultar a verdade ao longo do vigor, pensando com discernimento e agindo com decisão. Quem conhece a si mesmo e pensa compreende a travessia do acontecimento integrado em sua conjuntura, sintonizado em seu contexto, que prevê como efetuar uma apropriação oportuna de sua possibilidade de ser.

A coragem de não saber promove o pensamento que, por conhecer a si mesmo, se antecipa ao que sucede prevendo o seu destino, *é da sina*, e não do certo. Não ser do certo, mas da sina, é a terceira característica fundamental do sertanejo jagunço de *Grande sertão: veredas*, o que funda o seu modo jogado de perambular pelas veredas do sertão, errando à espera do inesperado. A sina é um chamado, um clamor silencioso do poder ser, que se ouve na intimidade do “cá comigo”, na solidão de quem cuida de si e decide o sentido de seu ser, descobrindo a verdade ao longo do vigor. A verdade é a descoberta do que se mostra como necessário, uma revelação da propriedade do poder ser, a sua apropriação. Ser da sina consiste em auscultar o sentido que se abre na conjuntura, descobrir a sua verdade e aprender o que nela se revela.

Ao perceber a sua proximidade, Riobaldo, de repente, decide atravessar o Liso do Sussuarão. Essa travessia não foi planejada, não era esperada; ela subitamente se revelou na circunstância da conjuntura para ele, que estava atento ao seu poder ser, cuidando do que é necessário para cumprir os desígnios de seu destino. A fim de matar o Hermógenes, a travessia do liso e o rapto da mulher dele foram trunfos de Riobaldo que aumentaram o seu poder de chefe dos jagunços e o encaminham ao triunfo da guerra, ao cumprimento de seu destino.

A coragem de assumir ser por si e para si mesmo o seu próprio poder ser, o não saber que demanda o pensamento a descobrir o que pode ser na conjuntura do acontecimento, e o ser da sina que descobre a sua realização auscultando a verdade ao longo do vigor formam o tripé fundamental, o alicerce que estrutura a característica – o tipo – do jagunço sertanejo de *Grande sertão: veredas*, cujo melhor exemplo é o narrador e protagonista da estória, o jagunço Riobaldo. “Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão?” (ROSA, 1994b, p. 199).

REFERÊNCIAS

- FOGEL, Gilvan. Da pobreza e da orfandade sem vergonha. Em: SCHUBACK, Marcia de Sá Cavalcante (organizadora). *Ensaios de filosofia: Homenagem a Emmanuel Carneiro Leão*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.
- HERÁCLITO. Fragmentos. Em: *Os Pensadores originários*. Trad. Emmanuel C. Leão. Petrópolis, Vozes, 1991.
- ROSA, João Guimarães. *Ficção completa, em dois volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994a. Volume I.
- ROSA, João Guimarães. *Ficção completa, em dois volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994b. Volume II.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

NOTAS

- 1 “Meus romances e ciclos de romances são na realidade contos nos quais se unem a ficção poética e a realidade” (ROSA, 1994a, p. 35).
- 2 Essas duas frases são motes que se repetem várias vezes ao longo do romance.
- 3 Em nota de rodapé, o alemão Günter Lorenz, que entrevistou Guimarães Rosa em 1965, na ocasião do “Congresso de Escritores Latino-Americanos”, escreveu: “Por um artigo publicado no Brasil em 1967, após a morte de Guimarães Rosa, eu soube que ele falava português, espanhol, francês, inglês, alemão e italiano. Além disso, possuía conhecimentos suficientes para ler livros em latim, grego clássico, grego moderno, sueco, dinamarquês, servo-croata, russo, húngaro, persa, chinês, japonês, hindu, árabe e malaio” (ROSA, 1994a, nota 13, p. 46).
- 4 Carta de João Guimarães Rosa ao Senhor Dr. Joaquim de Montezuma de Carvalho, 27 de agosto de 1963 (ROSA, 1983, p. 344).
- 5 Fragmento 93 de Heráclito (HERÁCLITO, 1978, p. 88).
- 6 “Não é para se falar e agir dormindo” – fragmento 73 de Heráclito (HERÁCLITO, 1991, p. 79).
- 7 Heidegger faz essa afirmação três vezes em *Ser e tempo*: p. 173, 282 e 397 (HEIDEGGER, 2006).
- 8 Em *O banquete*, de Platão, Fedro inicia o seu discurso afirmando ser Eros um deus *megas kai thaumatós*: magnífico e, assim, espantoso.
- 9 Ver FOGEL, Gilvan. *Da pobreza e da orfandade sem vergonha*. (SCHUBACK, 1999, p. 65).
- 10 Três caracterizações de Joca Ramiro feitas por Riobaldo (ROSA, 1994b, p. 17, 30, 118).
- 11 “O pacto! Se diz — o senhor sabe. Bobeia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo — e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completção... O senhor imaginalmente percebe? O crespo — a gente se retém — então dá um cheiro de breu queimado. E o dito — o Côxo — toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é a alma. Muito mais depois” (ROSA, 1994b, p. 36).
- 12 “E, veja, por que sinais se conhecia em favor dele a arte do Coisa-Má, com tamanha proteção? Ah, pois porque ele não sofria nem se cansava, nunca perdia nem adoecia; e, o que queria, arrumava, tudo; sendo que, no fim de qualquer aperto, sempre sobrevinha para corrigimento alguma revirada, no instinto derradeiro. E como era a razão desse segredo?” (ROSA, 1994b, p. 260).
- 13 Perfeito não como adjetivo, mas como participio de perfazer.
- 14 “Chamamos de livre a um homem que se realiza por si mesmo e para si mesmo e não por outro e para outro” (Aristóteles, *Metafísica* I, 2, 982b, 26. Trad. Emmanuel Carneiro Leão).
- 15 Aforismo 112 de Heráclito (HERÁCLITO, 1991, p. 89)
- 16 Aforismo 116 de Heráclito (HERÁCLITO, 1991, p. 89).